



SUMÁRIO

Editorial	P.1
Congresso de Maria Auxiliadora em Fátima.	
Caminho Formativo	P.3
O mistério do nome: <i>Se conhece aquilo que se vive.</i>	
Nazaré. Uma família toda de Deus	P.6
4. O santo nome de Maria.	
Humilde e a mais alta criatura	P.8
<i>A caminho com Maria, mestra de ecologia integral</i>	
5. Maria, Terra do Céu.	
Crônica de Família	P.9
- Filipinas: <i>Encontro da Família Salesiana da Região Ásia Leste-Oceânia.</i>	
- Paquistão: <i>Retiro dos grupos da Família Salesiana em Lahore.</i>	P.10
- Portugal: <i>Congresso Internacional de Maria Auxiliadora 2024 em Fátima.</i>	P.10
- Família Salesiana: <i>“Sonhos e estratégias comuns para enfrentar os novos desafios na Sicília”.</i>	P.11
Intenções de oração mensal	P.12
É uma hora sombria.	

EDITORIAL

CONGRESSO DE MARIA AUXILIADORA EM FÁTIMA

Caros amigos da ADMA,

de 29 de agosto a 1º de setembro de 2024, Fátima será sede do IX Congresso Internacional de Maria Auxiliadora. Promovido por nossa associação e dirigido a todos os grupos da Família Salesiana, tem como objetivo fazer conhecida, aprofundar e difundir a devoção à “Nossa Senhora de Dom Bosco”.

Apresentados como propostas para todos os grupos da Família Salesiana, os Congressos Internacionais de Maria Auxiliadora celebram dois aspectos carismáticos do espírito salesiano: o culto eucarístico e a devoção a Maria Auxiliadora.

O primeiro destes Congressos foi convocado por Pe. Egidio Viganò, VII Sucessor de Dom Bosco, e realizou-se em Turim, em 1988, no centenário da morte de Dom Bosco. Desde então, foram realizados outros sete congressos internacionais.

No último destes encontros, realizado em Buenos Aires, Argentina, em 2019, por ocasião dos 150 anos de fundação da ADMA, foi anunciado que o IX Congresso Internacional de Maria Auxiliadora seria realizado em Fátima, lugar mariano e de peregrinação por excelência.

O tema escolhido para o IX Congresso Internacional de Maria Auxiliadora, **“Eu te darei a Mestra”**, recorda o **“Sonho dos Nove Anos”** de Dom Bosco, cujo 200º

aniversário será celebrado em 2024. A partir do sonho, o objetivo é tornar Maria cada vez mais conhecida como Mãe e Mestreira que acompanha e guia toda a Família Salesiana no caminho rumo a Jesus e aos jovens mais necessitados.

O itinerário formativo, concebido como preparação para o Congresso, procurará aprofundar o “Sonho dos Nove Anos” e será dividido em cinco temas e dez etapas.

O primeiro tema presente no sonho é, naturalmente, a missão oratoriana: aqui serão analisados o carisma educativo e o Sistema Preventivo como caminho de santidade. *(ver ADMA online de setembro e outubro).*

O segundo tema enfatizará o mistério da vida como vocação e missão, algo que está dentro de nós, porém, é maior que nós. Refletiremos, portanto, sobre o tema da fé, do discernimento vocacional, da luta espiritual e da vida cristã. *(ver ADMA online de novembro e dezembro).*

No terceiro tema o convite é refletir sobre a experiência de Deus como presença e mistério, experiência que envolve os temas do encontro e do anúncio, da conversão e da fé, da contemplação e da ação, da liturgia e do apostolado.

O quarto tema apresenta o estilo do carisma salesiano, a amorevolezza. O objetivo será promover uma pedagogia do amor, totalmente inspirada na caridade de Deus e, portanto, um estilo relacional caracterizado pela humildade e doçura, benevolência e afabilidade.

O último tema oferece a oportunidade de refletir sobre o rosto feminino e materno da Igreja em todo o plano de Deus.

As inscrições para o IX Congresso Internacional de Maria Auxiliadora já estão em andamento. A inscrição é individual e pode ser feita através do formulário disponível no site do congresso, onde também estão disponíveis todos os detalhes e custos de participação: <https://mariaauxiliadora2024.pt>

Considerada por São João Paulo II “o altar do mundo”, Fátima, e mais precisamente o Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, é o centro espiritual de Portugal. Em 1917, entre maio e outubro, Nossa Senhora apareceu ali seis vezes, manifestando-



se a três simples e pobres pastorinhos: os irmãos Francisco e Jacinta Marto e a sua prima Lúcia dos Santos. O Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima responde ao pedido feito por Nossa Senhora na aparição de 13 de outubro de 1917: “Quero dizer-vos que construam aqui uma capela em minha homenagem, porque eu sou a Senhora do Rosário”. A Capelinha das Aparições foi construída em 1919 no local das aparições de 1917 na Cova da Iria e, desde então, o santuário foi construído em resposta ao notável afluxo de peregrinos.

Prossigamos o nosso caminho em comunhão com toda a Família Salesiana. Desejamos-lhes uma fecunda novena e festa de Dom Bosco e esperamos vocês em Fátima.

**Renato Valera,
Presidente ADMA Valdocco.**

**Alejandro Guevara,
Animador Espiritual ADMA Valdocco.**

CAMINHO FORMATIVO

O Minstério do nome: SE CONHECE AQUILO QUE SE VIVE

1. O nome no sonho dos nove anos

Se tentarmos ver o tema do “nome” na filigrana do sonho dos nove anos, notamos, em primeiro lugar, o aparecimento do venerável homem de rosto luminoso que Joãozinho não consegue olhar porque a luz o cega. O homem nobremente vestido de branco põe fim à violenta discussão entre as crianças que riem e blasfemam e o pequeno João. O misterioso personagem o chama peremptoriamente pelo nome e lhe impõe uma ordem. “Ele me chamou pelo nome”: é uma lembrança bíblica fundamental, quando Deus chama pelo nome ele sempre confia uma missão (Abraão, Moisés, Samuel, Maria, Pedro, Saulo...). Indica que a iniciativa pertence sempre a Deus, que primeiro pronuncia o nome e o faz existir. “Deus disse: faça-se a luz! E a luz foi feita”, Deus chama João Bosco pelo nome e mostra-lhe o Sistema Preventivo “não com pancadas, mas com a mansidão e a caridade que deverás ganhar esses seus amigos”. Depois de pronunciar o seu nome e indicar-lhe uma missão, neste momento João Bosco sente a necessidade de saber o seu nome. Duas vezes ele pergunta: “Quem sois vós que me ordenais coisas impossíveis?” “Mas quem sois vós que assim falais?”. É próprio do homem conhecer, questionar-se, questionar-se a partir da realidade, compreender... é assim também para João. Apesar de pequeno, ele possui um raciocínio rápido e focado e o desejo de entender quem é o misterioso personagem que lhe pede algo aparentemente impossível. A resposta do personagem luminoso reflete a pedagogia divina: “Sou o filho daquela que tua mãe te ensinou a saudar três vezes ao dia”. O conhecimento do nome divino ocorrerá para João Bosco e na espiritualidade salesiana através da mediação materna de Maria. Como aconteceu com a encarnação do Verbo, onde foi necessário o seu “eis me aqui”, então para conhecer, relacionar-se e experimentar a força de Jesus é necessário passar por sua mãe Maria. E novamente este conhecimento ocorre na oração através do apelo muito delicado da oração do Angelus três vezes ao dia numa sociedade camponesa. O mistério do nome deve ser perguntado à Mãe, assim conclui o personagem que desaparece de cena: “Pergunta meu nome à minha mãe”. Na história de Dom Bosco, quão verdadeira é esta afirmação: a oração sincera diante de Nossa Senhora das Graças em Chieri para

compreender a sua vocação, a indicação do lugar do martírio dos Santos Solutore, Avventore e Ottavio para que a Basílica de Maria Auxiliadora ali fosse construída, a compreensão do sonho com lágrimas nos olhos, no dia 16 de maio de 1887, diante do altar de Maria Auxiliadora, na Basílica do Sagrado Coração. Compreender o nome, conhecer o mistério que lhe está subjacente, conhecer Jesus não é uma operação pontual que acontece uma vez na vida, mas é fruto de um processo contínuo que tem um começo, dura a vida toda e vai crescendo até à plena maturidade de Cristo, até que seja formado em vós (Gal 4,19).



2. O nome na Bíblia

Na Bíblia, a imposição de um nome é a afirmação característica de uma pessoa (Adão chama sua esposa de *issah* porque vem de *is...*). Em todo o mundo semita o nome é a própria realidade de uma coisa, o conhecimento do nome acarreta uma espécie de poder sobre o ser cuja essência e energia são conhecidas. O famoso texto em que Deus revela o seu nome está contido no capítulo 3 do livro do Êxodo. Deus não se revela com um substantivo, mas com um verbo (*hjh*, “ser, tornar-se, continuar a ser”). Assim se configura o tetragrama sagrado e impronunciável dos judeus (JHWH). Na realidade, o texto de Ex 3,14, em vez de uma definição e revelação do nome divino, contém uma negação da revelação. “Eu sou quem sou” é talvez a afirmação da essência incognoscível de Deus e não a definição da eternidade de Deus (“Aquele que sempre é”) ou de sua fidelidade (“Aquele que é sempre fiel”) ou mesmo de sua *aseitas* como queria a filosofia cristã clássica. Todavia, este título “Eu sou” não é vazio porque evoca o ponto exato em que Deus se revela: a história do Êxodo em que Ele se apresenta como libertador e salvador. Como disse Martin Buber,

poderia ser traduzido como “Eu estou presente, onde estarei presente... eu estou sempre presente”.

3. A história de Moisés (Ex 3, 1-10; At. 7, 30.31)

O que faz? A primeira coisa que Moisés faz é maravilhar-se. Enquanto está no deserto, enquanto o rebanho do seu sogro pasta, ele avista um pouco longe uma sarça ardente e parece-lhe que continua a arder sem se consumir. Moisés, que tem 80 anos, é capaz de se maravilhar com alguma coisa, de se interessar por algo novo: uma sarça ardente que arde mas não se consome. Ele poderia ter dito: “Há fogo; é perigoso para o rebanho se o fogo se espalhar; vamos embora, vamos levar as ovelhas embora.” Ou ele poderia ter dito: “Há algo sobrenatural; é melhor não cair em uma armadilha; vamos embora e deixemos que os mais novos, os que têm mais entusiasmo, se interessem: já tive as minhas experiências e isso basta-me.” Em vez disso, “Moisés ficou maravilhado”, isto é, foi levado por aquela capacidade, que é típica de uma criança, de se interessar por algo novo, de pensar que ainda há algo novo. Portanto, Moisés ficou maravilhado e em vez de não prestar atenção e ir embora, “aproximou-se para ver”, o texto diz muito mais do que “ver”; na verdade indica o nous (katanoesai), a mente, portanto olhando, considerando, refletindo, tentando compreender, etc. Aqui vemos a liberdade de espírito alcançada por Moisés através da purificação. Se fosse um homem amargo e resignado, teria simplesmente concluído: “Uma coisa estranha, mas não me diz respeito”. Mas não: ele quer entender, quer ver do que se trata. Aqui está um homem vivo, embora velho. “Moisés disse consigo mesmo: “Vou voltar, para contemplar esse extraordinário espetáculo, e saber porque a sarça não se consome” (Ex 3,3). O texto grego diz: *Você se lubrifica? “Por quê?”*. Moisés é um homem que deixa surgir questões dentro de si; já não



é o homem que já tem tudo organizado e catalogado, que tudo compreendeu; ele é um homem ainda capaz de fazer perguntas que exigem uma resposta atenta. Pode-se supor uma situação deste tipo: no deserto existem diferentes planaltos, uns em cima dos outros, e muitas vezes é necessário fazer um longo desvio para subir ao planalto superior; Moisés

se encontra num planalto mais baixo com suas ovelhas, vê a sarça ardente num planalto mais alto e diz: “Vou subir, vou dar uma volta, quero ver do que se trata”. O que significa abandonar o rebanho, talvez até em perigo, subir sob o sol, etc. Nas palavras “Quero chegar mais perto para contemplar esse extraordinário espetáculo”, portanto, vislumbramos a alma de Moisés; é como se Moisés dissesse: «Sou um pobre, um fracassado, mas Deus pode fazer coisas novas, e quero interessar-me, quero entender, quero compreender, quero saber o porquê”. Note que aqui volta a grande pergunta que Moisés se fazia há 40 anos: “Mas porque é que Deus permitiu aquela derrota? Por que, se ele ama o seu povo, não me usou para salvá-lo? Por que ele não aproveitou a oportunidade que eu lhe dei?”. Este “porquê”, que Moisés cultivou, apurou e purificou, surge novamente diante daquela visão inesperada. Este “saber” em Moisés é algo que se conserva dentro dele, é uma paixão que não adormeceu, mas que a purificação tornou mais simples, mais livre. Moisés não vai à montanha em busca de um novo sucesso pessoal; ele vai lá porque quer saber como são as coisas, quer encarar a verdade como ela é.

O que você ouve?? Es. 3, 4-6. O texto diz: “Vendo o Senhor que ele se voltou para ver, chamou-o do meio da sarça: Moisés, Moisés!”. Moisés ouve seu nome. Imagine o choque de medo e espanto de Moisés quando se vê chamado para o deserto, para um lugar onde não há alma vivente. Moisés percebe que existe alguém que conhece o seu nome, alguém que está interessado nele; ele se achava um excluído, um fracassado, uma pessoa abandonada: mas alguém grita seu nome no meio do deserto. É uma experiência violenta, que talvez também nós tenhamos vivido quando, encontrando-nos num lugar onde pensávamos ser completamente ignorados, ouvimos de repente alguém nos chamar pelo nome. Agora Moisés ouve ser chamado duas vezes pelo nome: “Moisés, Moisés”. Também Moisés sente que chegou um momento decisivo para a sua vida: é o momento em que deve estar verdadeiramente disponível, sem cometer os erros da primeira vez; portanto, ele está cheio de medo: “O que vai acontecer comigo?”. E aqui Moisés ouve algo que talvez não esperasse. Aquele que partiu com tanto ardor para ver a sarça ardente, teria gostado de ouvir: “Obrigado por ter vindo, por não se deixar vencer pela amargura”; e em vez disso escuta aquela voz que lhe diz: “Não te aproximes daqui. Tira as sandálias dos teus pés, porque o lugar em

que te encontras é uma terra santa”. Moisés, com todo o seu ardor, tentou fazer a mesma coisa: isto é, ver aquele fenómeno da sarça ardente enquadrado na sua visão de Deus, da história e da presença de Deus na história. E então Deus lhe diz: “Moisés, não é assim; tire as sandálias, porque você não vem até mim para me enquadrar em suas próprias ideias; não é você quem deve me integrar na sua síntese pessoal, mas sou eu quem quer integrá-lo no meu projeto.” Moisés, portanto, escuta: “Não te aproximes daqui. Tira as sandálias dos teus pés, porque o lugar em que te encontras é uma terra santa”. Imagine o choque de Moisés ao ouvir essas palavras. Esta é uma terra santa? Esse deserto maldito, lugar de chacais, de desolação, de aridez, onde só os bandidos gostam de vir, onde não mora gente boa? Este deserto onde eu pensei que estava abandonado, miserável, fracassado: esta é uma terra santa? Esta é a presença de Deus? É este o lugar onde Deus se revela?

O que ele quer dizer? Neste ponto Moisés compreende o que é a iniciativa divina: não é ele quem procura a Deus e, portanto, deve ir a lugares purificados e santos para encontrá-lo; é Deus quem procura Moisés e o busca onde ele está. E o lugar onde está Moisés, seja lá o que for, mesmo que seja um lugar miserável, abandonado, sem recursos, amaldiçoado, esse é a terra santa, ali está a presença de Deus, ali se manifesta a glória de Deus. Podemos contemplar como Moisés viveu a sua mudança de horizonte, a sua verdadeira conversão, a sua nova forma de conhecer a Deus. Até agora, para Moisés, Deus era alguém por quem muito tinha que ser feito: tinha que fazer uma revolução, sacrificar a própria posição de privilégio. Lançar-se em direção aos irmãos, desgastando-se em nome deles, para depois ser desprezado e deixado de lado novamente. Agora Moisés finalmente começa a entender; Deus é diferente: até agora você o conheceu como alguém que te explora por um tempo e depois te abandona, um patrão mais exigente que os outros, ... mais que faraó; agora ele começa a compreender que é um Deus de misericórdia e de amor, que cuida dele, o último dos fracassados e esquecidos pelo seu povo. Depois Moisés continua a escutar outras palavras: “Deus tornou a dizer: ‘Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, o Deus de Jacó’” (Ex. 3,6). Moisés entendeu que não tinha entendido nada sobre Deus; de qualquer forma, ele pensava que este era um Deus novo e diferente. Mas eis que Deus lhe diz: “Eu sou o Deus de teus pais; se você tivesse

me entendido, teria percebido que sou o mesmo Deus de Abraão, Isaque, Jacó; Eu também agi assim com eles.” O Senhor foi um Deus que cuida de quem está abandonado, de quem se sente desesperado e fracassado. Nos vv. 7ss continua: “O Senhor disse: “Eu vi, eu vi a aflição de meu povo que está no Egito, e ouvi os seus clamores por causa de seus opressores. Sim, eu conheço os seus sofrimentos. E descí para o livrar da mão dos egípcios e para fazê-lo subir do Egito para uma terra fértil e espaçosa. Uma terra que mana leite e mel. ... Agora, eis que os clamores dos israelitas chegaram até a mim, e vi a opressão que lhes fazem os egípcios.” Quão cuidadosa é a dicção, toda na primeira pessoa: “vi, ouvi, sei, descí, etc. ...” e assim também a censura implícita a Moisés: “Tu, Moisés, acreditavas ser um homem muito culto e bem versado no conhecimento do homem; você pensou que entendia seus irmãos, sua miséria; você pensou que foi você quem tomou a iniciativa de entendê-los, e então me implorou para que eu os entendesse também; no entanto, sou eu quem os compreende primeiro, sou eu quem compreende todas estas coisas, sou eu quem vê e sente. Você, Moisés, pensou que era o primeiro a descobrir a beleza da liberdade, ansioso como estava para aproveitá-la, e não conseguiu; mas tudo isso vinha de mim. Você nunca pensou que esse era o meu trabalho e, em vez disso, se jogou nele, pensando que o trabalho era todo seu, que tudo dependia de você. Agora você percebe que eu vejo, eu ouço...; na verdade, se há alguma compaixão em você pelo povo, ela vem de mim; se existe alguma sensação de liberdade em você, sou eu quem a dou a você; se há alguma curiosidade em você, ela é minha”.

4. Pela concretude do caminho

No ritual do jantar da Páscoa judaica (*aggadà*), algumas crianças que ouvem a história da noite de Páscoa comportam-se de forma diferente. Um deles está com sono; outro, em vez disso, diz: “Mas o que me interessa nesta história do Egito?” Ainda outro faz perguntas e pergunta: “Por que celebramos esta festa e o que esta festa significa para nós?” Esta é a atitude de Moisés e de João Bosco, que se fizeram esta pergunta fundamental: “como é que?” “qual o seu nome?”. Um bom educador não só sabe dar respostas, mas antes mesmo sabe levantar questões. Algumas atitudes educativas ajudam nessa árdua tarefa: despertar a admiração (*thamazein* em grego) e lembrar (*zakar* em hebraico).

NAZARÉ. UMA FAMÍLIA TODA DE DEUS

4. O SANTO NOME DE MARIA

No dia 12 de setembro acontece uma festa litúrgica dedicada ao Santíssimo Nome de Maria na Igreja Católica. É uma celebração promulgada e estendida a toda a Igreja pelo Papa Inocêncio XI em 1683. Lembra-nos que *pronunciar, invocar, cantar e celebrar o nome de Maria nos faz um bem imenso*.

Invocar o nome de Maria é **evocar a obra-prima do Pai é exaltar as primícias do sacrifício do Filho, é admirar o mais belo templo do Espírito**.

Maria é o nome que evoca o **reflexo mais transparente da glória de Deus**, o ponto mais sublime da criação, a bem-aventurada entre todas as mulheres, a Mãe de Jesus que nos foi dada por Ele como nossa Mãe. Como diz a oração de Coleta da Missa dedicada ao santo nome de Maria, todo cristão que pronuncia o nome de Maria com coração filial não deixará de “experimentar a força e a doçura do seu nome”.

O nome de Maria é um nome que **edifica e purifica**: é o nome da toda Santa, da Toda Bela, o nome que, só de pronunciá-lo, inspira castidade e pureza, delicadeza e beleza, integridade e santidade, um nome que educa não só ao silêncio e à contemplação, mas também à intimidade e à comunhão do amor. Pronunciar o nome de Maria é entrar na esfera de Deus, assim como dar o nome de Nossa Senhora a uma catedral - como observa J. Guitton - leva a exaltar Aquele que nela está presente, Jesus Cristo Nosso Senhor: “eis o papel que Nossa Senhora desempenha nas obras da Igreja Católica: ser uma atmosfera, uma energia fluida, criativa e escondida”.

O nome de Maria é também um nome que une, que não divide: se já como mulher Maria é orientada a conter, acolher, reunir, unir, como Mãe de Deus une o Céu e a terra, e como Mãe da Igreja e de todos os homens é honrada de diversas maneiras em todas as religiões. Esta sua função tipicamente materna não pode ser subestimada: são tantas as divisões, nos laços familiares e sociais, entre as nações e entre as religiões, que não quereremos prescindir daquela misteriosa eficácia que Deus deu a Maria na ordem do diálogo, do acolhimento, e da misericórdia.

Nome dulcíssimo

É precisamente nos ouvidos de Jesus que o nome de

Maria ressoa da forma mais doce! E é antes de tudo nos lábios de Jesus que Maria foi carinhosamente chamada de “mãe”! Olhando para a experiência nazarena de Jesus aprendemos a invocar o nome de Maria e a chamá-la de “mãe” com coração de filhos.

Numa época em que se tenta negar ou substituir a figura da mãe, há que recordar com força o fato elementar - maravilhoso onde existe, trágico onde falta - de que **sem uma mãe há em todo filho, uma falha vital e uma falta de esperança que marca toda uma existência**, um fundo de indecisão e de desespero que acompanha dolorosamente cada ação da vida e cada época da vida. Pelo contrário, sentir-se abraçados e acariciados, olhados e chamados pelo nome pela própria mãe é a experiência que está na raiz da própria personalidade e da singularidade e que alimenta toda a confiança em si mesmo, nos outros e em Deus. Poder chamar a mãe, ter a certeza da sua escuta e atenção, do seu carinho e do seu cuidado “não anônimos” (Recalcati) é **lo legado fundamental que nos permite existir de forma verdadeiramente humana, pessoal e não em série**. Se a experiência materna já está relacionada com a esperança, a devoção mariana está, portanto, no mais alto grau: como diz São Luís Grignon de Montfort, Maria era o Paraíso de Deus, está no Paraíso com Deus, do Paraíso ela nos olha e no Paraíso nos espera .

A marca materna da esperança é tão decisiva que até o Filho de Deus, na sua humanidade, fez a mesma experiência que nós: a de chamar Maria de “mãe” e de encontrar neste **nome a realidade mais doce da terra, aquela que, mais do que tudo, lembra a paternidade de Deus no céu**. É por isso que os cristãos, pela sua união íntima com Cristo, acham fácil e espontâneo sentir Maria como mãe e chamá-la carinhosamente de mãe. A paternidade de Deus e a maternidade de Maria pertencem intimamente ao desígnio providencial de Deus. Montfort explica-o de forma simples e eficaz: “assim como na geração natural e física há um pai e uma mãe, assim também, **na geração sobrenatural e espiritual há um pai que é Deus e uma mãe que é Maria**. Todos os verdadeiros e predestinados filhos de Deus têm Deus como pai e Maria como mãe; e quem não tem Maria como mãe não tem Deus como pai” (*Tratado da Verdadeira Devoção*, 30). Algo que São Cipriano já expressava

Nazaré. Uma família toda de Deus

sobre a relação entre a paternidade de Deus e a maternidade da Igreja: “quem não tem a Igreja como mãe não pode ter Deus como pai”.

Maria, estrela brilhante

A experiência doméstica que Jesus viveu em Nazaré foi tão decisiva para a sua existência entre nós que quis dá-la e recomendá-la a todos nós. Ele sabe que sem a maternidade de Maria a nossa vida espiritual, com todas as suas provações, em última análise, não se sustenta. Se São Bernardo cantou “olha a estrela, invoca Maria”, é porque no nome de Maria encontramos o melhor suporte da esperança, que é certamente uma virtude teologal e, portanto, um dom de Deus, mas que diante dos obstáculos internos, dos remorsos do pecado, das perturbações e dos medos do mundo, diante das perplexidades e confusões do coração, há necessidade de um apoio seguro para não se desviar.

No nome de Maria encontramos esperança, renovamos a confiança, superamos o desânimo, podemos sempre começar de novo: “seguinto-a – continua São Bernardo – não se pode perder, rezando para ela não se desespera. Se ela te apoiar você não cairá, se ela te proteger você não terá medo, se ela for favorável a você, você alcançará seu objetivo.” Na verdade, como disse Paulo VI, não há cristão autêntico que não seja mariano. Porque, claro, não se pode amar Jesus se recusarmos ou subestimarmos o dom mais bonito que Jesus, depois de si mesmo, quis nos deixar para a nossa salvação e a nossa alegria!

Chamá-la pelo nome!

A liturgia diz com razão que na Igreja, juntamente com o nome de Jesus, é necessário que “o nome de Maria ressoe também nos lábios dos fiéis”, porque «o povo cristão olha para ela como uma estrela brilhante, invoca-a como Mãe e nos perigos recorre a ela como refúgio seguro” (Pref. Santo nome de Maria). Em termos concretos, é importante *chamar Maria pelo nome*, superar resistências e hesitações, orgulho e respeito humano, modas culturais e objeções teológicas, e não ter medo de chamá-la de “mãe”, invocá-la em todas as necessidades, pedir o Espírito Santo através Dela, depositar Nela toda a confiança de sermos escutados e realizados, como uma criança que encontra abrigo nos braços da mãe.

E então precisamos *nos convencer a pedir todas as*



graças em seu nome. O Montfort, e atrás dele uma multidão de santos e santas como Dom Bosco asseguram que no céu Maria manteve e aumentou os seus “direitos maternos” para com Jesus. E assim cada oração que passa pela invocação confiante do seu Nome está destinada a um sucesso certo. Montfort, referindo-se aos ensinamentos de São Bernardo, São Bernardino e São Boaventura, explica precisamente que, sem prejuízo da transcendência de Deus e da superioridade do Filho, a função materna de Maria confere a Nossa Senhora um poder de intercessão sem igual, que deve ser pensado em termos afetivos, materno-filiais. Expressando-se com coragem, diz assim: “se tudo, no céu e na terra e o próprio Deus, está sujeito a Maria, deve-se compreender que a autoridade que Deus lhe confere é tão grande que parece que ela tem o mesmo poder como Deus e que as orações e os pedidos são tão eficazes para Deus que são sempre válidos como ordens para sua Majestade, que nunca resiste à oração de sua amada mãe, e porque ela é sempre humilde e complacente com sua vontade”.

(*Tratado*, 27)

HUMILDE E A MAIS ALTA CRIATURA

A caminho com Maria, mestra de ecologia integral

5. MARIA, TERRA DO CÉU

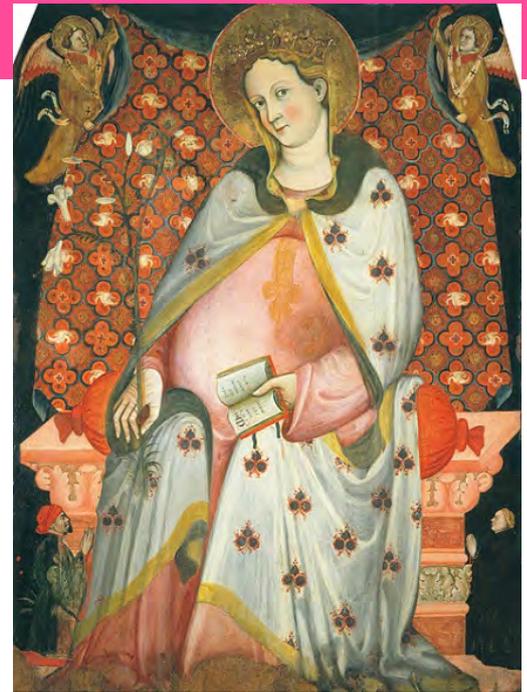
«*Olhar o mundo com olhos sábios*», como o Papa nos convida a fazer **aprendendo com Maria**, significa **reconhecer nos elementos da criação a marca do amor de Deus e o apelo que Ele nos dirige a corresponder ao amor com amor, assumindo cuidado de cada coisa criada que nos foi confiada**. Juntamente com a água, a terra é fundamental para a sobrevivência e a vida do ser humano. Mas a terra está sob os nossos pés, portanto, pode facilmente acontecer que nos distraíamos, esquecendo a sua importância e o seu valor.

Nas muitas manifestações da crise climática que vivemos, um coração sábio sabe reconhecer o grito da terra e o grito dos pobres, que muitas vezes são pobres precisamente porque estão privados do acesso livre e digno à terra e aos seus bens. Uma terra para habitar e cultivar e uma linhagem que possa prolongar a vida dos pais nos filhos e netos para além da morte são as duas faces da única promessa em que Deus se compromete ao fazer a sua aliança com Abraão.

As Escrituras, portanto, conhecem bem a importância da terra, na sua concretude como fonte de subsistência e lugar de viver, bem como no seu significado simbólico, que se refere à fragilidade do ser humano e à sua necessidade de salvaguardar uma boa relação com toda a Criação e com Deus.

Se o primeiro relato da Criação descreve o nascimento do universo a partir do ventre de Deus (Gn 1), o segundo relato da Criação apresenta Deus como um oleiro, que molda o primeiro homem da terra, e como um agricultor, que planta e cultiva um jardim no qual o ser humano possa viver.

O gênero da história, obviamente, não é histórico, mas simbólico. Em muitas culturas antigas, a criação do ser humano teve a ver com a terra, reconhecida como a grande mãe, da qual todos os seres vivos recebem vida e alimento. A Sagrada Escritura incorpora e transforma este mito, certamente difundido na terra de Canaã. O autor do Gênesis, de fato, não apresenta a terra como uma divindade feminina, mas como um elemento da realidade criada por Deus, que Ele, o único Criador, utiliza para moldar o ser humano.



A Bíblia expressa assim a nossa dependência do resto da criação: apesar de ser o único ser criado à imagem e semelhança de Deus, na verdade, o ser humano é criado por último, depois do céu e da terra, depois das plantas e dos animais (Gen.1,26-28). Toda a criação poderia existir mesmo sem a presença do homem e da mulher, mas o homem e a mulher não poderiam sobreviver sem os outros elementos naturais, graças aos quais encontram casa, alimento e trabalho, como guardiões do jardim que o próprio Deus confia a eles.

Além disso, **a vida do ser humano na terra é marcada pela necessidade de aprender com a experiência e de discernir o bem do mal** (cf. Jr 18, 2-6). Na arena da história, entre outras criaturas às quais está ligado, o ser humano feito de terra experimenta assim a sua fragilidade, a sua incompletude, até encontrar o mistério da morte, que o transporta tragicamente de volta à sua origem: o ventre do terra (Sb 9,13-18).

Na primeira carta aos Coríntios, São Paulo recorda a história da criação de Adão, o primeiro ser humano, retirado da terra, para afirmar que o verdadeiro Adão é o Cristo, o ser humano que vem do Céu (1 Cor 15, 45-49). Como descendentes do primeiro Adão, também nós somos feitos de terra, mas graças ao dom do Espírito do Ressuscitado, o verdadeiro Adão, tornamo-nos participantes da ressurreição de Jesus, descobrimos que estamos destinados ao Céu.

Como Cristo, também nós viveremos a morte como uma passagem, não como uma derrota definitiva: a terra, onde seremos sepultados, como

Humilde e a mais alta criatura

o túmulo de Cristo, será para nós um ventre, do qual ressuscitaremos para viver para sempre em Deus.

Continuando o raciocínio de São Paulo, os Padres da Igreja comparam Maria à terra virgem, ainda não cultivada, da história do Gênesis, a partir da qual o Espírito Santo molda a nova humanidade do seu Filho Jesus (Lc 1,35).

Além disso, Maria é a Nova Eva, que com o seu sim abre a Deus a possibilidade de restabelecer a comunhão com os seres humanos, rompida pela rejeição da primeira Eva. Maria, no seu corpo e no seu coração, é a terra do Céu: o lugar frágil e humilde onde Deus faz morada.

Além disso, a atitude de Maria à acolhida não termina no momento da concepção do seu Filho. Maria renova continuamente o seu fiat, através de uma infinidade de pequenas ações concretas, que oferece ao Filho de Deus feito homem. A Maria, de fato, não é apenas pedido para dar um corpo a Cristo, mas a acompanhá-lo, no tempo da sua vida escondida, no longo caminho que o espera para se tornar plenamente homem. Um caminho que exige cuidado, atenção e sabedoria educativa (Lc 2,41-52).

Na sua pregação, Jesus utiliza frequentemente imagens tiradas do trabalho agrícola e da vida no campo (Mt 6,25-34). Certamente foi um grande observador e, através das parábolas, quis estimular os seus ouvintes a olharem a realidade que o rodeava com o seu próprio olhar: o olhar do sábio, capaz de reconhecer os sinais da presença e do amor do Pai na vida cotidiana.

Além disso, é muito provável que Jesus, pelo menos
Ecuador – XII Congresso Nazionale dell’ADMA

na infância, tenha ajudado Maria a cultivar uma horta ou um pequeno campo. Na época, de fato, até famílias de artesãos possuíam algumas terras para cultivar o necessário ao sustento diário.

Nas chamadas parábolas do crescimento, aparecem frequentemente três personagens: o agricultor; a semente; a terra (Mc 4,1-32). A **semente** representa o **dom de Deus**: a sua Palavra, a sua graça, a sua presença que antecipa o reino dos Céus nesta terra. A semente carrega dentro de si a força para germinar e dar frutos. A **terra**, porém, representa o **coração do ser humano**, criado por Deus para acolher o seu dom e ser muito fecundo. Dar frutos, em outras palavras, não é uma escolha que podemos fazer ou não! Ser generativo é o coração da vocação cristã (Jo 15,16)! Finalmente, na pessoa do **agricultor**, estão normalmente representados **aqueles que colaboram com Deus na difusão da sua Palavra**, começando por Jesus e continuando com os seus discípulos de todos os tempos. Porém, é importante lembrar que o agricultor não tem controle sobre a vida da semente! O agricultor é responsável por semear, por um lado, e por outro, cuidar da terra, favorecendo condições que lhe permitam ser o mais acolhedor possível para com a semente.

Caminhar na conversão ecológica significa aprender a cuidar da terra e da semente, como faz um bom agricultor, para que cada criatura possa ser respeitada e valorizada como um dom de Deus para toda a criação. Na verdade, não falta na criação nada de que possamos precisar para viver, desde que saibamos partilhar o dom, crescer na solidariedade e na fraternidade universal. ***Que Maria, nossa Mãe comum, nos ajude e nos acompanhe dia a dia neste longo caminho.***

CRÔNICA DE FAMÍLIA

Filipinas: Encontro da Família Salesiana da Região Ásia Leste-Oceânia

A Inspetoria “Maria Auxiliadora”, das Filipinas Sul (FIS), acolheu na casa de retiros “Dom Bosco”, de Lawaan, dois importantes eventos regionais: o encontro dos Delegados para a Pastoral Juvenil da Ásia Leste-Oceania e o encontro da Família Salesiana da Ásia Leste-Oceania. São dois eventos

com duração de 4 dias, que reúnem 65 Delegados de nada menos que 15 países da Região, bem como de Roma, representando os Escritórios centrais da Congregação.

Os dois encontros são enriquecidos pela presença

de Pe. Miguel Angel Garcia-Morcuende, SDB, Conselheiro Geral para a Pastoral Juvenil; Pe. Joebeth Vivo, SDB, Colaborador do Setor de Pastoral Juvenil; Pe. Joan Lluís Playà, SDB, Delegado Central do Reitor-Mor para o Secretariado da Família Salesiana; Pe. Alejandro Guevara, SDB, Animador Espiritual Mundial da Associação de Maria Auxiliadora (ADMA); Ir. Domenico Duc Nam Nguyen, SDB, Delegado Mundial para os Ex-alunos e Salesianos Cooperadores; Irmã Leslye Sandigo, Filha de Maria Auxiliadora, Conselheira Geral para a Família Salesiana; e Irmã Lucrecia Uribe, Filha de Maria Auxiliadora, Delegada Mundial para os Salesianos Cooperadores das FMA.

Os encontros em curso em Lawaan visam reforçar a



cooperação e a coordenação dos diferentes Grupos da Família Salesiana no campo da Pastoral Juvenil, fortalecendo o espírito carismático do trabalho com e para os jovens.

Paquistão: Retiro dos grupos da Família Salesiana em Lahore

Para pequenas realidades como o Paquistão salesiano, mesmo as coisas mais normais, como o retiro dos grupos da Família Salesiana, podem ter caráter excepcional. **Sábado, 11 de novembro, pela primeira vez, todos os grupos da Família Salesiana de Lahore (Ex-alunos, ADMA e Salesianos Cooperadores) reuniram-se para um retiro espiritual.**

Depois da meditação sobre a Estreia 2023, os participantes dedicaram um tempo à reflexão pessoal, com adoração ao Santíssimo Sacramento. Em seguida, foi celebrada a Santa Missa e o terço com os meninos do internato. A noite terminou com um jantar partilhado durante o qual o Sr. Asif Daniel, Presidente Nacional dos Ex-Alunos, compartilhou uma notícia emocionante: **a Federação Mundial dos Ex-Alunos apoiará o projeto Jaranwala.** Esta iniciativa, idealizada pelos Ex-Alunos de Lahore, nasceu como um gesto de solidariedade para com



a comunidade cristã de Jaranwala, cidade situada a 100 quilômetros de Lahore.

O projeto envolve a distribuição de material escolar, o que já ocorreu, e a criação de 22 bolsas para o ensino técnico, demonstrando assim a dedicação da Família Salesiana na promoção da educação e da solidariedade em contextos difíceis.

Congresso Internacional de Maria Auxiliadora 2024 em Fátima (Portugal)

No espírito de solidariedade e ajuda mútua que queremos destacar, um **“Fundo de Solidariedade”** foi criado na ADMA Primária de Turim para ajudar os grupos mais em dificuldade a participar.

Todas as doações podem ser enviadas através de transferência bancária da ADMA:

- IBAN IT16 V030 6909 6061 0000 0130 575
- ou seguindo as instruções no seguinte link <https://www.admadonbosco.org>

Para quaisquer pedidos de contribuições ou esclarecimentos, os responsáveis de um grupo podem escrever para: adma@admadonbosco.org. O valor recebido será dividido entre as diversas solicitações. Não há contribuições para participantes individuais.

“O Senhor ama quem dá com alegria”



**Dar-te-ei a
MESTRA**
IX Congresso Maria Auxiliadora

Fátima 29 de agosto - 1 de setembro de 2024

Inscrições abertas!

www.mariaauxiliadora2024.pt

Família Salesiana: *“Sonhos e estratégias comuns para enfrentar os novos desafios na Sicília”*

(ANS – Palermo) – Ocorrerá **sábado, 25 de novembro (9:30 – 17:30) em Palermo**, no Instituto Salesiano Jesus Adolescente, a **Conferência Regional da Família Salesiana da Sicília sobre “Sonhos e estratégias comuns para enfrentar os novos desafios na Sicília”**.

O objetivo da conferência é melhorar o caminho formativo comum, porque o futuro precisa também da Família Salesiana: “Quais são os desafios do nosso tempo? – afirma Pe. Giovanni D’Andrea, Inspetor dos Salesianos da Sicília – Com que estratégias e de que formas, o que podemos criar de novo para responder a estes desafios e não permanecer meros espectadores numa sociedade que muda repentinamente? Como podemos criar novas formas de dar respostas aos vários tipos de pobreza enfrentados pelos jovens? Este é o nosso sonho, filhos de um sonhador como Dom Bosco. A ocasião de sábado será útil para todos os membros dos grupos da Família Salesiana da Sicília refletirem sobre o que este nosso tempo nos pede, que respostas podemos dar, pois como Família Salesiana da Sicília não podemos ficar afastados das necessidades de todas as pessoas e cristãos em particular”.



Os palestrantes da conferência são:

- **Valerio Martorana**, gestor e jornalista, membro da Presidência Mundial dos Ex-Alunos de Dom Bosco e Diretor da revista “Voci Fraterne”, que falará sobre “Os novos desafios da Família Salesiana na Sicília”;
- **Salvo e Linda Adamo**, da Associação MetaCometa, sobre “Famílias de acolhimento – Famílias solidárias”;
- **Agostino Sella**, Presidente da Associação Dom Bosco 2000, sobre “Migrações e Corredores Solidários”;
- **Dony Sapienza**, Vice-Presidente da Cooperativa Social “Centro Orizzonte Lavoro” sobre “Serviços e oportunidades para o futuro dos jovens”.

O debate será moderado por **Massimo Melodia**,

Salesiano Cooperador, que junto com sua esposa Giuseppina é coordenador do Movimento Salesiano das Famílias.

Participam da conferência os membros do Conselho Regional da Família Salesiana da Sicília, os Conselhos regionais de cada grupo, os membros dos conselhos municipais, os Diretores das casas salesianas da Sicília, a equipe do Movimento Juvenil Salesiano e os Delegados e Assistentes para a Família Salesiana. Além disso, estará presente a inspetora das Filhas de Maria Auxiliadora (FMA) da Sicília, Irmã Angela Maria Maccioni. Já se inscreveram para o evento, 180 membros dos diversos grupos da Família Salesiana da Sicília, representando os Ex-

alunos de Dom Bosco, Ex-alunos das Filhas de Maria Auxiliadora, Salesianos de Dom Bosco, Filhas de Maria Auxiliadora, Associação de Maria Auxiliadora (ADMA), Salesianos Cooperadores (SSCC.), Voluntárias de Dom Bosco (VDB), Voluntários com Dom Bosco (CDB), Apóstolos da Sagrada Família (ASF), Salesianas Oblatas do Sagrado Coração (SOSC), Discípulas, Movimento Salesiano das Famílias, Movimento Juvenil Salesiano.

A coordenação da conferência será feita por Pe. Franco Di Natale, Vigário dos Salesianos da Sicília; irmã Assunta Di Rosa, FMA; Stefano Carpino, Carolina Fiorica, Pe. Arnaldo Riggi e Massimo Melodia.

INTENÇÕES DE ORAÇÃO MENSAL

Desejamos unir as orações de todos os grupos da Adma no mundo por uma intenção especial.

Neste mês **rezaremos pela paz mundial** com as palavras de Papa Francisco.

É uma hora sombria

Esta é uma hora sombria, Mãe. E nesta hora escura mergulhamos nos teus olhos brilhantes e confiamos no teu coração...

Mãe, não conseguimos sozinhos, sem o teu Filho não conseguimos fazer nada. Mas Tu nos levas de volta a Jesus, que é a nossa paz...



Tu, que revelas a ternura do Senhor, torna-nos testemunhas da sua consolação. Mãe, tu, Rainha da Paz, derrama a harmonia de Deus em nossos corações.

Amen.

ENVIE UM ARTIGO E FOTO: Um artigo e uma foto de um encontro de formação; da comemoração do dia 24 do mês, celebração mensal de Nossa Senhora Auxiliadora; de uma atividade de voluntariado que desenvolvem. O artigo (formato .doc, máximo de 1200 caracteres sem contar os espaços) e um máximo de 2 fotografias (formato digital .JPG e de tamanho não inferior a 1000px de largura), fornecidos com um título e/ou uma breve descrição, devem ser enviados para adma@admadonbosco.org. É indispensável indicar no assunto do e-mail "Crônica de Família" e, no texto, os dados do autor (nome, sobrenome, local da foto, ADMA de pertença, cidade, país).

Ao enviar, a ADMA fica automaticamente autorizada a elaborar, publicar, também parcialmente, e, divulgar de qualquer forma, o artigo e as fotografias. As imagens poderão ser publicadas, a critério da redação, no site www.admadonbosco.org, e/ou em outros sites da ADMA acompanhadas de uma legenda.